

Experimentações analógicas do fotojornalismo: modos de desacelerar o olhar, ampliar a leitura social da realidade e dialogar com as novas tecnologias¹

Ingrid Pereira de Assis²

Cynthia Mara Miranda³

Rafael Silva Motta⁴

Daniel dos Santos Coelho Silva⁵

Martha Helena Rodrigues de Souza⁶

Mariana Felix⁷

Nicole Adler⁸

Universidade Federal do Tocantins - UFT

RESUMO

Tendo como objetivo resgatar práticas analógicas na produção fotojornalística, em resposta à aceleração digital e como modo de valorização dos processos históricos do jornalismo tocantinense, este resumo sintetiza a primeira etapa de um projeto de extensão/pesquisa que revitalizou o laboratório de fotografia analógica da Universidade Federal do Tocantins e disponibilizou oficinas de capacitação sobre a prática. Metodologicamente, ampara-se na pesquisa aplicada e na mensuração do impacto das atividades por meio de pesquisa de opinião.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia analógica; Revelação; Pesquisa aplicada; extensão; fotojornalismo.

INTRODUÇÃO

Em um mundo permeado por imagens executadas por linguagem de programação, operações lógicas e visualizadas por meio de *display* eletrônicos (Beiguelman, 2010), religar as luzes vermelhas de um laboratório de fotografia analógica, esquecido pelo

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 27 a 29 de maio de 2026. Este resumo é resultado de um projeto que recebeu o apoio da Universidade Federal do Tocantins (UFT), via edital.

² Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); mestra em Ciências Sociais e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: ingrid.assis@mail.uft.edu.com.

³ Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Tocantins, mestrado, doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília e Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cynthiamara@mail.uft.edu.br.

⁴ Técnico em audiovisual em exercício na Rádio UFT FM, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); bacharel em jornalismo também pela UFT. E-mail: rafaelmotta@uft.edu.br.

⁵ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação, também pela UFT e servidor técnico da mesma universidade. E-mail: danieldossantos@uft.edu.br.

⁶ Doutora em Psicologia Social pela Universidad John F. Kennedy e administradora concursada técnica da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: marthahelena@uft.edu.br.

⁷ Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: felix.mariana@mail.uft.edu.br.

⁸ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: nicole.adler@mail.uft.edu.br.

tempo, soa como um anacronismo. No entanto, se o pano de fundo for um viver para além do sentido mercadológico de utilidade, resgatar os processos fotoquímicos da fotografia, frente a um mundo de imagens digitais, pouco ou nada humanas, tendo em vista a difusão dos potenciais imagéticos da Inteligência Artificial (IA), urge para desacelerar o olhar dos profissionais do jornalismo e, conseqüentemente, ampliar sensibilidade humana no processo de construção social e histórico da realidade (Berger; Luckmann, 2004).

Desde a inauguração do Complexo de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no ano de 2016, o laboratório de fotografia analógica nunca havia sido colocado para funcionamento. Em 2025, o projeto de pesquisa aplicada/extensão intitulado “O pós-digital: experimentações analógicas do Jornalismo, seus modos de desacelerar o olhar, ampliar a leitura social da realidade e dialogar com as novas tecnologias”, conseguiu, com aprovação de uma verba de 5 mil reais via Edital Universal de Pesquisa da UFT, PROPESQ N° 160/2025, colocar o laboratório em funcionamento.

Este resumo sintetiza os resultados parciais obtidos por meio desta experiência, que ainda está em andamento. O projeto traçou os seguintes objetivos: resgatar práticas analógicas na produção jornalística em resposta à aceleração digital e como modo de valorização dos processos históricos do Jornalismo tocantinense; possibilitar aos estudantes de jornalismo e comunidade conhecimentos acerca do processo de produção analógico de fotografias (da realização da foto até a revelação do registro); desenvolver uma exposição fotojornalística a partir das produções fotográficas realizadas ao longo do projeto; gerar oficinas de capacitação sobre a revelação de fotografias analógicas, revitalizando o laboratório de revelação do curso de Jornalismo da UFT; e por fim, desenvolver, em parceria com o Laboratório de Tecnologias Computacionais da UFT (Labtec 3D), fotografias táteis para pessoas cegas a partir das fotos da exposição. Antes de detalhar as etapas que já foram cumpridas, faz-se importante, demarcar os aspectos teóricos que fundamentam este projeto, bem como a metodologia adotada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vive-se um contexto de volatilidade (Lipovetsky, 2016). A certeza dos momentos históricos anteriores se converte em insegurança. A superação e abandono de práticas fotográficas históricas e da estrutura que permite a sua realização, frente à liquidez dos processos digitais (atravessados pela imaterialidade das nuvens), denotam que a modernidade sólida está sendo gradualmente substituída por uma lógica capitalista que

abraça processos ágeis, que não permitem um aprofundamento nas relações e dos conhecimentos históricos, tornando-os mais líquidos e passageiros (Bauman, 2001). Partindo do pressuposto de que é preciso lutar contra esse processo acelerado de “liquefação” das estruturas, instituições sociais e saberes. Este projeto demonstra que os conhecimentos históricos sobre a fotografia possibilitarão um aprendizado mais aprofundado da área, visto que “...a passagem da fotografia analógica para a digital é marcada por um processo de “emulação”, no qual a base técnica digital visa assumir o lugar daquela baseada na mecânica e na fotoquímica” (Baio, 2014, p. 135).

Ao mesmo tempo, o projeto não renega os benefícios sociais do desenvolvimento tecnológico, tanto que firma parceria com o Labtec 3D, para que as fotografias analógicas realizadas para a exposição, possam, por meio da tecnologia de impressão 3D, atingir, informar e emocionar pessoas cegas e com baixa visão. Estas peças táteis poderão ser utilizadas enquanto instrumento didático pelas disciplinas de Introdução à Fotografia e Fotojornalismo do curso de Jornalismo, para auxiliar discentes com deficiência. Com isso, demarca-se que o projeto integra de forma indissociável extensão, pesquisa e ensino, conforme preconiza o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFT, que aponta esta união como fundamental para mitigar os índices de retenção e evasão.

METODOLOGIA

Para atender os objetivos supracitados, primeiramente, realizou-se o levantamento dos equipamentos existentes no laboratório de fotografia e suas devidas condições de uso. A técnica Marta Helena Rodrigues de Souza, que é uma das responsáveis pelo laboratório, auxiliou diretamente nessa etapa. Após o levantamento, observou-se que 12 câmeras analógicas estavam em condições de uso, 8 delas manuais e 4 modelos com automação eletrônica, embora apresentassem alguns problemas decorrentes do tempo, como fungos na objetiva. Também estavam em condições de uso os ampliadores da marca Durst, bem como alguns periféricos auxiliares, como *beckers*, tanques de revelação etc. A verba do edital foi, inicialmente, investida nos insumos químicos e periféricos faltantes⁹, ficando dividida do seguinte modo: 3 mil para os gastos com o laboratório de fotografia e 2 mil para o Labtec 3D produzir as reproduções das fotos em 3D, etapa que ainda será realizada. Após o levantamento e a compra dos materiais necessários, foram executadas as oficinas,

⁹ A lista completa está disponível aqui: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Fq0sy-JxrL1-7MqVQZsAdqBbeLRkN8fdUUK-mSU0Ges/edit?usp=sharing>

destinadas para três públicos distintos: alunos do curso de Jornalismo, egressos do curso e comunidade no geral. Os públicos foram divididos dessa forma para oportunizar o aprendizado para os egressos que, nos últimos 9 anos, não conseguiram realizar atividades práticas no laboratório. Ao todo, foram ofertadas 11 vagas para as oficinas. Para a escolha dos participantes, realizou-se um processo seletivo simplificado.

Faz-se importante explicar que as oficinas são espaços práticos e extensionistas no âmbito do projeto, ao mesmo tempo que, metodologicamente, consistem na etapa de “ação”, que é fundamental em uma pesquisa aplicada, visto que foca na resolução de um problema presente na UFT, partindo da identificação de tais problemas para buscar soluções práticas (Thiollent, 2009), neste caso, a revitalização do laboratório por meio de oficinas, bem como da a geração de uma exposição fotográfica com fotografias reproduzidas em 3D para a acessibilidade de pessoas cegas, que, ao final da exposição, serão disponibilizadas para o curso de Jornalismo, funcionando enquanto instrumento didático para as aulas de fotografia a serem ministradas para alunos(as) cegos(as). Ao final do processo de impressão das fotografias da exposição em papel, ampliadas e táteis, a equipe vai trabalhar no processo de realização da exposição (captação de espaço, proposta criativa e divulgação da *vernissage*), visando atingir o máximo de pessoas possível. Assim, sendo, a exposição, além de uma etapa prática, pode ser compreendida como uma estratégia de divulgação científica do material realizado por meio do projeto.

Ainda acerca da divulgação científica, o projeto criou um Instagram para registrar as diferentes etapas de execução, bem como divulgar as fotografias realizadas pelos participantes. Ademais, durante a *vernissage* da exposição, será lançado um documentário em formato de curta-metragem, mostrando todas as etapas do projeto. Este documentário ficará disponível para o público no Canal do PPGCom no YouTube¹⁰. Observa-se, por fim, que a produção das fotografias para a exposição, bem como a realização da mesma ocorrerão a partir do mês de maio, portanto, os resultados apresentados neste resumo se concentrarão apenas na etapa de execução e avaliação das oficinas, por meio de uma pesquisa de opinião, via Google Forms.

RESULTADOS PARCIAIS

Com a seleção de participantes efetuada e a compra dos materiais, as oficinas foram iniciadas no mês de fevereiro de 2026, estendendo-se até o mês de abril. Todas

¹⁰ Disponível aqui: <https://www.youtube.com/@ppgcomuft.tocantins>.

foram ministradas por Rafael Silva Motta, técnico da UFT e egresso do curso de Jornalismo. Por meio das oficinas, os participantes puderam aprender como utilizar uma câmera analógica e dominar os processos de revelação de filmes e ampliação fotográfica. Espera-se que, com tal formação, eles se transformem em replicadores, gerando um impacto direto na sociedade com suas fotografias analógicas. Com essa etapa, já se atende ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) Educação de qualidade, que consiste em “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida”. Segue, abaixo, o detalhamento das oficinas:

Quadro 1: Realização das oficinas.

DATA	CONTEÚDO	OBJETIVO
21/02	Aula 1: A arte da fotografia analógica.	Objetivo: Desmistificar a câmera. Entender as três variáveis mecânicas que controlam a luz (Diafragma, Obturador, ISO) e as ferramentas ópticas (lentes).
28/02	Aula 2: A Câmera analógica (com experiência prática).	Objetivo: Entender como usar as ferramentas para criar imagens com intenção, estudando composição e luz.
07/03	Aula 3: A Química.	Objetivo: Entender o que é o filme, como ele registra a luz (quimicamente) e como o processo de revelação funciona.
14/03	Aula 4: Revelação na Prática.	Objetivo: Executar o processo químico (visto na Aula 3) para revelar os filmes fotografados na aula 2.
28/03	Aula 5: Ampliação na Prática.	Objetivo: Criar uma fotografia física (ampliada) no laboratório a partir dos filmes revelados na aula 4.
11/04	Aula 6: Revisão de todos os processos e experimentação	Objetivo: Revisar todos os processos da fotografia até a ampliação e ensinar a revelação com café.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

As fotografias foram registradas durante o 3º Presente de Iemanjá, evento de resistência das religiões de matriz africana, realizado na Praia da Graciosa, no dia 28 de fevereiro. Elas serviram de base para as oficinas de revelação e ampliação fotográfica. Ademais, demarca-se que as fotografias do projeto já estão rompendo os muros da universidade, por meio do perfil no Instagram (@lab.foto.analogica.uft)¹¹.

Após a finalização das oficinas, os participantes responderam a uma pesquisa de opinião para avaliar o processo de aprendizagem e o impacto com relação à experiência de vida e contato com a fotografia analógica. Dos 11 participantes, nove (9) tiveram frequência regular e conseguiram estar em todas as oficinas. Estes foram os que responderam ao formulário de avaliação. Quanto ao perfil destes, em maioria são do gênero feminino (66,7%), sendo apenas 33,3% homens; 88,9% estão entre 18 e 25 anos e os demais 11,1% têm entre 26 e 30 anos; 66,7% se autodeclararam brancos e os demais

¹¹ Disponível aqui: <https://www.instagram.com/lab.foto.analogica.uft?igsh=MWpoNTJjZmh4N2NyBA==>

33,3% enquanto negros. Nenhum tinha experiência prévia com a fotografia analógica. Oito avaliaram que as oficinas corresponderam ao máximo com a expectativa acerca da formação e um atribuiu nota nove, em um máximo de 10. A aula 2, com a experiência prática com a câmera na Praia da Graciosa, foi a melhor avaliada, sete atribuíram nota 10 e dois nota 9. Já as aulas com as outras etapas (revelação do filme e ampliação para o papel), receberam oito avaliações 10 e uma 7. Quanto à contribuição da oficina no processo de desaceleração da rotina no consumo de telas/*smartphones*, no período de realização, cinco participantes (55,6%) atribuíram nota máxima nesse aspecto, dois (22,2%) deram nota nove e outros dois (22,2%) oito.

Nas questões dissertativas, os participantes puderam avaliar os aspectos positivos e negativos das oficinas. Dentre os pontos positivos mais mencionados estão: a dedicação da equipe do projeto e a experiência prática com a câmera. Embora alguns tenham elogiado as etapas com os químicos (revelação do filme e ampliação), não foram as que mais atraíram os participantes. Isso fica evidente na resposta: “Foi muito bom saber como funcionava o processo de revelação fotográfica, porém não achei tão divertido quanto imaginei que seria, é um processo muito lento e complexo com todos os químicos”.

A crítica mais presente nas respostas foi quanto a necessidade de poder repetir o processo fotográfico. Mesmo aqueles que tinham contato profissional com a fotografia digital, experienciaram dificuldades com os processos analógicos, mas, sobretudo, puderam perceber as diferenças e similaridades, conforme o comentário: “Com essa experiência, a utilização do fotômetro passou a fazer muito mais sentido, a ponto de eu começar a usar a ferramenta no meu trabalho. Diferente do digital, onde a facilidade nos permite errar à vontade, no analógico o erro pode custar a foto. Essa preocupação nos faz pensar bem antes do clique e fotografar melhor os objetos. Além disso, a espera para ver os resultados nos ajuda a desacelerar nesses tempos de ansiedade elevada”.

Mesmo não sanando todas as dificuldades estruturais, apesar do apoio via edital, percebe-se que o projeto valorizou a infraestrutura histórica da universidade, revitalizando um laboratório. Futuramente, ainda, promoverá a acessibilidade da fruição da fotografia analógica para pessoas cegas ou com baixa visão. Resultados como estes são e serão possíveis, por meio de um diálogo entre as áreas de Jornalismo e Ciências da Computação, provando que o histórico e o moderno podem caminhar juntos, na construção de uma sociedade melhor, mais acessível e com bem-estar social.

REFERÊNCIAS

BAIO, C. A impureza da imagem: estéticas intersticiais entre a fotografia analógica e digital. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 28, p. 134-145, dez. 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEIGUELMAN, G. Entrevista com Giselle Beiguelman. Fórum latino-americano de fotografia de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.forumfoto.org.br/giselle-beiguelman/>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo**. 1 ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. O processo de circulação do capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1986. lv II, v. II (Os Economistas).

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. São Paulo: Editora Manole, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2021-2025**. Palmas, 2021.